

Èṣù e a origem do “tempo que passa” na tradição yorùbá

Carlos Henrique Onà Veloso

Olùkó Bábá Doutor em Bioética pela UFRJ.

<https://orcid.org/0000-0002-7642-1050>
ch_veloso@hotmail.com

Recebido: 30 de maio de 2021
 Aprovado: 30 de julho de 2021
 DOI: 10.47661/afcl.v15i30.51251



VELOSO, Carlos Henrique Onà, Èṣù e a origem do “tempo que passa” na tradição yorùbá: Anais de Filosofia Clássica 30, 2021. p. 1-18

ABSTRACT: The purpose of this article is to present a reflection on Èṣù, a yorùbá deity and its relationship with time, from an oríkí (praise) that was used as the epigraph of the VIII Ousia International Symposium. The Symposium, which had as its theme "The Problem of Time in Antiquity," on its poster displayed an oríkí that states, "Èṣù pa eye láná pèlú sò lí òkúta lóní." The most common translation is "Èṣù killed a bird yesterday with the stone he threw today."

The statement, as can be seen, is counter-intuitive and hurts (or at least inverts) the well-known cause and effect relationship. Due to this inversion (the effect happening before the cause), our mind searches for a solution to what seems to us like a riddle. We are left wondering how is it possible to act in this way? What do the ancient yorùbá people mean by this statement? These are the questions that guide this reflection.

KEY-WORDS: Èṣù. Oríkí . Emptiness. Time. Yoruba.

RESUMO: A proposta deste artigo é apresentar uma reflexão sobre Èṣù, uma divindade yorùbá e sua relação com o tempo, a partir de um oríkí (louvor/elogio) que foi usado como epígrafe do VIII Simpósio Internacional Ousia. O Simpósio, que teve como tema “O problema do tempo na Antiguidade”, em seu cartaz de divulgação, exibiu um oríkí que afirma: “Èṣù pa eye láná pèlú sò lí òkúta lóní”. A tradução mais comum é “Èṣù matou um pássaro ontem com a pedra que lançou hoje”.

A afirmação, como se pode perceber, é contra-intuitiva e fere (ou pelo menos inverte) a conhecida relação de causa e efeito. Devido a esta inversão (o efeito acontecendo antes da causa), nossa mente busca uma solução para a afirmação que mais nos parece um enigma. Ficamos imaginando como é possível agir dessa forma? O que os antigos yorùbá querem dizer com essa afirmação? Essas questões são norteadoras dessa reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Èṣù. Oríkí. Vazio. Tempo. Yorubá.

Antes do Começo de Tudo Era o Vazio

Para que todos possamos alcançar o Vazio, importante elemento nessa reflexão, será necessário voltar um pouco no tempo. Um pouco (ou bem) antes do que se determinou chamar “antiguidade clássica”. Por outras palavras, precisarei abordar o problema do tempo na antiguidade antes da chamada “antiguidade clássica”. Começarei pelo princípio. Em verdade, para ser mais preciso, e eu preciso ser preciso no tempo em que vou abordar esse tema, começarei um pouco antes. Voltarei a um tempo em que olódumarè era uma infinita massa de ar... Sim, porque “no tempo que a existência começou, olódumarè era uma massa infinita de ar...” (SANTOS, 1984 p. 58-59).¹

Essa afirmação introduz uma das narrativas que compõe a oralitura tradicional yorubá.² Nessa ìtàn (história),³ registrado em *Os nagô e a morte*, por Santos (1984), *olódumarè*, também chamado *òlòrun*, é equiparado a uma “massa infinita de ar”. Essa “massa infinita de ar” é a frase usada para traduzir o termo òfuurufú. Portanto, tomando como base o texto publicado por Santos, olódumarè é “uma massa infinita de ar”, logo, *olódumarè é òfuurufú*.

Se, *olódumarè é òfuurufú*, percebo que ainda não voltei o

¹ Uma versão mais completa da mesma ìtàn, com algumas variações pode ser encontrada em MARINS, L. *Òrìsà didá ayé: obátálá e a criação do mundo iorubá*. Edição do autor, São Paulo, 201, p. 110.

² Yorubá é um dos grupos étnicos que foi sequestrado em território africano e trazido para o Brasil para servir de mão de obra escrava. Proveniente da Nigéria, constitui o segundo maior grupo étnico do país.

³ A palavra yorubá “ìtàn” tem sido traduzida por mito que traz a ideia de um discurso alegórico, fantasioso sobre a realidade, entendido por muitos como um saber folclórico e de pouco ou nenhum valor epistêmico, superado pelo discurso categórico da filosofia e posteriormente pelo discurso científico. Essa tradução do termo ìtàn o coloca nessa categoria de produção folclórica, desqualificando todo o saber que esse estilo da oralitura yorubá contém. O reverendo Crowther apresenta uma melhor tradução para o termo: “registros de eventos passados ou narrativa de antigas tradições. Cf. CROWTHER, S., *A vocabulary of the yoruba language*. Seeleys, Fleet Street and Hanover street, Hanover square, London, 1852. p. 164.

suficiente. Por isso, peço desculpas, mas precisarei voltar um pouco mais. Voltar a um tempo antes de *olódùmarè*, quando ele ainda não existia e que tudo era realmente só um imenso Vazio...

Uma digressão: a oralidade yorùbá virou escritura, quase sagrada

Para voltar a esse tempo preciso fazer um passeio pela história, uma pequena digressão para falar sobre a obra realizada por Samuel Crowther e suas motivações. Apesar de precisar citar, a título de exemplo, outros termos correlatos ao tema aqui tratado, para essa reflexão, vou me ater apenas aos termos *olódùmarè* e *òfúurufú*.

Os primeiros registros escritos de palavras em yorùbá datam do século XIX e foram realizados por Samuel Crowther. Nascido em Iseyin (Ọ̀yó, Nigéria), Crowther recebeu educação inglesa e foi convertido ao cristianismo bem jovem. Já adulto e tornado reverendo da igreja anglicana, trabalhou entre os yorùbá como missionário autóctone. Tinha como propósito, ou melhor dizendo, como missão (já que foi enviado pela igreja), evangelizar o que hoje chamamos o povo yorùbá (Ọ̀yó, Ègbá, Ìjèsà, Èkìtì, Ondó, Ìjèbu, Ègbádò e outros).

O projeto do reverendo era traduzir a Bíblia para língua yorùbá. Para tanto precisou produzir os padrões ortográficos e lexicais para o estabelecimento de um tipo de yorùbá “comum” para que todos ou pelo menos a maioria dos chamados “yorùbá” pudessem entender. Ele criou “uma linguagem híbrida, predominantemente Ọ̀yó em sua morfologia e sintaxe, e mais Ègbá em seus fonemas. Em seu léxico, foi enriquecida por expressões idiomáticas e por expressões recentemente cunhadas em Lagos e na diáspora da região”.(Matory, 1998 p. 263–292). Por outras palavras, para traduzir a Bíblia para o yorùbá, precisou por na letra o que estava, desde tempos imemoriais, no espírito da oralidade. O trabalho foi publicado em 1852 em seu *Um vocabulário da língua yorùbá*.

Neste vocabulário, Crowther traduz o verbete *òfúurufú* pelo termo vazio (*emptiness*) e pelo termo *firmamento* (the firmament), dando como

exemplo de aplicação a frase: *òfúururú kò ṣe ifẹ̀hìntì* – “O vazio não serve como amparo/apoio”, ou seja, não se pode apoiar no vazio. (CROWTHER, 1852, p. 208)

Vale lembrar, apesar de já ter mencionado acima, que a finalidade última de Crowther era evangelizar os povos de língua yorùbá. Como era uma missão da igreja, seu empenho era reforçar (ou forçar) “traduções” que privilegiassem a fé cristã, como, por exemplo, a palavra “*èṣẹ̀*”. Originalmente a palavra fazia referência aos termos *ofensa, crime*. Porém, o reverendo a utilizou para introduzir o conceito de “pecado”. “*Èṣẹ̀*” é um substantivo abstrato derivado do verbo “*ṣẹ̀*”, *ofender, cometer uma transgressão*, que, no vocabulário do reverendo, passou a ser o verbo pecar.

Uma palavra de uso comum, usada no cotidiano em frases como “o reverendo cometeu uma transgressão (*ṣẹ̀*)” ou “Crowther ofendeu (*ṣẹ̀*) a cultura de seus pais quando disse que Èṣù é o diabo”, passou a significar *transgredir as ordens (ou lei) de um deus, até então desconhecido*. Ou seja, “*ṣẹ̀*”, na nova língua criada pelo reverendo, é ofender ao deus que ele pregava.

Assim surge o pecado no mundo yorùbá. Não precisou de um mito original com um Adão e uma Eva “transgredindo” as ordens do todo-poderoso, que se sente ofendido. Bastou uma pequena (man)obra literária.

Sobre o termo *olódùmarè*, que na *ìtàn* aparece como a origem do mundo, Crowther (1852, p. 215) o equiparou com o deus cristão, senhor absoluto do *Ọ̀rum*, traduzido por ele por céu/paraíso (*heaven*). O reverendo traz à existência, no território yorùbá, um deus, todo-poderoso, que se ofende quando não fazem o que ele acha certo.

Uma questão: quem sabe o que é certo para este ser supremo, além do colonizador e de seus representantes?

Com ele, e depois dele, muitos outros missionários surgiram e continuaram a sua (man)obra pioneira de “distorcer” as verdades yorùbá em prol de uma única “verdade”... a cristã.

Mas, e antes desse tempo, quem ou o que era *olódùmarè*?

Dito rapidamente, cito uma das muitas narrativas que envolvem o nome “*olódùmarè*”. Essa narrativa nos informa que *olódùmarè* era pai de um rapaz chamado Àrà e de duas moças *Aina* e *Ore*, que se casaram com Òrúnmilà. Nos versos do oráculo èrindílógún (jogo de búzios), recitados por Bàbá mi Salakò, seu nome é *Olodu*. Seu pai é Òrìṣànlá (*Òbàtálá*) e sua mãe é Python, uma serpente (Ere). Seu nome deriva de sua relação com a sua mãe – *Olodu omò Ere* – (Olodu filho da Python). Nesse mesmo verso ele é identificado com uma divindade chamada Oluofin. (BASCON, 1980, p. 36).

Bem, como não é tema dessa reflexão, penso que uma única referência seja suficiente para demonstrar que houve um tempo antes do “tempo em que a existência começou”. Um tempo em que *olódùmarè não era deus, nem era uma massa infinita de ar...* O que não quer dizer que não houve um princípio de todas as coisas para os yorùbá.

Assim, retirando todo o peso do cristianismo/colonialismo de sobre a tradição yorùbá, até onde isso me é possível, os antigos contaram, os mais velhos disseram que...

*Sim, a origem de todas as coisas é o òfuurufú⁴
E, ainda que Òbàtálá trabalhe incansavelmente
criando obras de arte maravilhosas no interior das trevas⁵
seu uso jamais o esgota
Pois o Vazio é imensurável profundo e amplo*

*Ainda que existam diversas dimensões
E nelas, diversas realidades,
E nas realidades, sem-número de seres
O Vazio continua Vazio*

*Límpido como a existência eterna
Òfuurufú não tem pai, o Vazio não tem mãe*

⁴ Uma outra forma de introduzir o ìtàn sobre a criação do mundo para os yorùbá, que não inclui nenhuma divindade auto-existente, a não ser o “òfuurufú”, termo que aparece no texto original e que escolhi traduzir por “Vazio”, no lugar de “uma massa infinita de ar” ou de “o firmamento”.

⁵ Trecho de um oríkì de Òbàtálá: “*A gbe imí òkùnkùn ṣ’ònà*”, (tradução nossa).

*Ele vem antes da criação dos seres
... vem antes da invenção de deus.⁶*

(Olùkó Bàbá Ònà)

Agora Sim, o Princípio

Então... no princípio havia somente o Vazio primordial – òfuurufú – prenhe de todos os destinos, grávida de todas as realidades, mãe de tudo o que é e de tudo o que não-é, pai de tudo o que há e de tudo que há de ser, a eternidade im-pessoa.

Do òfuurufú, a eternidade im-pessoa, surgem as águas primordiais e a primeira forma sólida, uma espécie de rocha avermelhada. As águas primordiais, os antigos chamaram Òrìṣà.⁷ A essa primeira forma, essa rocha avermelhada, eles chamaram Èṣù...

Segundo a história que foi passada de boca-para-boca pelos antigos e que os mais velhos contam, Òrìṣà criou todas as coisas, todas as realidades, todos os seres. Ele é aquele que tem o poder de pensar/deliberar (*alábá*), aquele que tem o poder de realizar (*aláṣe*) Ele é *alábáláṣe* (aquele que tem o poder de criar com autonomia). (MARINS, 2013, p. 110). Ele cria todas as coisas, todas as realidades, todas as dimensões no Vazio, que permanece Vazio.

Èṣù, a rocha avermelhada chamada *yangí*, é considerado pelos estudiosos como o elemento dinâmico de tudo que existe, não podendo ser separado ou classificado em nenhuma categoria. Ou seja, Èṣù não é categorizável.

⁶ Poesia inspirada no capítulo V do Tao Te Ching, introduzindo a ideia de que o ato criador de Qbátálá é perpétuo, criando no Vazio, sem nunca preenche-lo. O texto original em português do Tao é “O Caminho é o Vazio e seu uso jamais o esgota. É imensurável profundo e amplo, como a raiz dos dez mil seres. Cegando o corte, desatando o nó, harmonizando-se à luz, igualando-se à poeira. Límpido como a existência eterna. Não sei de quem sou filho. Venho antes do Rei Celeste” (Tao Te Ching, V).

⁷ Aqui o nome Òrìṣà se refere exclusivamente à divindade que ficou conhecida no Brasil pelo nome Oxalá. Em território yorùbá, é conhecido por inúmeros títulos, dentre os quais Qbátálá parece ser o mais importante/difundido.]

Segundo a sabedoria dos antigos, transmitida pelos mais velhos, é possível afirmar, inclusive, que Èṣù não faz parte de nada, mas constitui todas as coisas. Todas as divindades do panteão yorùbá (*òrìṣà, ẹbọra, irunmọlẹ ìyámi, ẹgbé, egúngún* etc) são constituídas por Èṣù. Todos os animais, todas as árvores, todas as plantas, tudo que existe é constituído por Èṣù, de tal forma que nada existiria se não houvesse Èṣù.

Santos, com base em uma poesia oracular yorùbá, colhida por ela por ocasião de sua pesquisa, confirma que “Èṣù é essencialmente o princípio vital e dinâmico de todo ser e de toda coisa que existe. Sem Èṣù, a existência, suas representações não aconteceriam, a vida não se desenvolveria.” E complementa, com base na mesma poesia que “este aspecto de Èṣù como princípio vital e dinâmico de todo ser faz dele o elemento que ajuda a formar, desenvolver, mobilizar, crescer, transformar, comunicar”.(Santos, 2014, p. 28, 26).

*Aqui, Èṣù se mostra assim
 Poderia se mostrar mais
 Ele tem duzentas faces mais uma
 Em cada uma das nove dimensões existentes
 Um sem-número de faces em cada realidade
 Ele é um e é muitos
 Multiplicidade e unidade
 Poderia se mostrar mais
 Mas, se mostra assaz.
 Aqui, Èṣù se mostra assim
 Poderia se mostrar mais
 Mas...
 Essa é a face que Èṣù mostra nessa reflexão
 Não é a mais importante
 Não existe a mais importante em Èṣù
 Não é a mais certa ou mais verdadeira
 Não há verdades nem inverdades
 Muitos menos certezas...
 Aqui se fala de Èṣù
 Não de certezas ou verdades
 Portanto, essa é face
 Apenas a face
 Que Èṣù mostra aqui...*

(Olúkó Bàbá Ònà)

... E é para esse Èṣù que se mostra assim que o oríkì sobre o qual vou refletir é recitado. Para esse que estava lá, no Vazio, antes da fundação do mundo, antes da criação do “tempo que passa”, antes da invenção de deus. A Ele apresento os meus respeitos (todos os dias): *Ojọójọ mo júbà Èṣù!*

A Questão: Agente ou Ação?

Como nós, ocidentais colonizados, poderemos entender a sabedoria legada pelos antigos yorùbá e transmitida pelos mais velhos, de boca-para-boca, que nos comunica, sem muita ou nenhuma explicação que Èṣù matou um pássaro ontem com a pedra que lançou hoje?⁸

É bem provável que não haja explicação porque o que está dito deve ser bem óbvio para quem o disse. Contudo, apesar de minha prática ritual dentro das tradições yorùbá, não é óbvio para mim. Fico tão perplexo como qualquer outro colonizado.

Inclusive, importa destacar, aqui faço uma reflexão sobre o oríkì em tela. Não tem nenhuma relação com os ritos que nós, povo de àṣẹ, fazemos em nossas práticas, apesar de poder lançar luz sobre o entendimento que temos sobre a tradição que herdamos. Deixo claro que a abordagem aqui é filosófica e acadêmica. Na prática ritual a minha abordagem é de adoração e íntima relação com Òrìṣà.

Voltando à questão. Para que eu não imponha uma interpretação absolutamente fora do contexto cultural da sabedoria dos antigos yorùbá, a abordagem que escolho é buscar uma resposta a questão: “Como os

⁸ Os verbos na língua yorùbá não flexionam e são sempre apresentados em sua forma infinitiva, não expressando nenhuma indicação de passado, presente ou futuro. Contudo, no uso cotidiano, os verbos de ação são lidos no tempo passado, a não ser que tenham alguma indicação de tempo (ti - passado; yìd - futuro por exemplo). Então no caso da ação expressa no oríkì, a tradução mais conhecida que foi feita, segue a norma da língua. Para saber mais veja BENISTE (2021).

antigos entendiam essa capacidade de agir hoje e afetar o ontem, atribuída a Èṣù?”

As prováveis respostas, assim me parece, devem ser dadas por aqueles que detêm esse conhecimento. Devemos perguntar aos antigos. Uma maneira razoável de nos aproximarmos deles, dada a distância temporal, espacial e principalmente cultural que nos separa, é estudar a forma de tratamento e os epítetos que eles davam a Èṣù. Dito de outra forma, devemos investigar, através dos nomes atribuídos a Èṣù pelo antigos, quem, para eles, é este ser capaz de afetar o passado com uma ação realizada no presente. Então, é isso que passo a fazer.

*Tani Èṣù*⁹

O primeiro epíteto faz referência ao princípio vital e dinâmico citado acima. Èṣù tem como epíteto e como representação o “òkòtò”, um tipo de caracol de concha cônica, oca em sua extremidade, que se apoia em um único ponto e evolui em espiral.

*Òn ni òkòtò
Ó ni aḡbeḡbe lójú
Beḡ ló sì n’fì eṣe kan gogogo
Pòḡyì rànḡyìn rànḡyìn rànḡyìn kálẹ*

*Ele disse òkòtò
Ele disse tem um amplo cume oco
Assim, com uma perna só
Gira, enroscando, enroscando, enroscando em volta da Terra*¹⁰

⁹ Pronome interrogativo: Quem é?

¹⁰ Trecho do verso divinatório do Odu òḡbè ìrètè recitado pelo Bábálawo Ifatogun, publicado em SANTOS (2014), tradução nossa.

Os antigos nos legaram uma itàn que relata como Èṣù se espalhou por todas as nove dimensões do universo, ocupando todos os espaços do Òrun. Penso que essa narrativa pode ajudar na compreensão do que significa esse epíteto dentro dessa tradição. Conto aqui resumidamente, o que foi passado de boca-para-boca pelos antigos. Eles disseram que antes de existir a humanidade na Terra...

Òbàtálá estava trabalhando na criação dos seres humanos. Èṣù estava lá, observando e ajudando o Pai Òbàtálá a fazer cabeças, a fazer olhos, a fazer pernas. Ele aprendeu a fazer tudo isso. Depois de muito tempo o Pai disse a Ele. Vá, sente-se naquela encruzilhada. Èṣù se sentou.

Certo dia Òrúnmìlà foi a presença do Pai Òbàtálá para pedir um filho. Na chegada passou por Èṣù. Nada falou com Èṣù. Èṣù nada falou com Òrúnmìlà. Na presença de Pai Òbàtálá, Òrúnmìlà informa o motivo de sua visita: Pai, eu quero ter um filho na Terra. Pai Òbàtálá responde: Ainda não é a hora, ainda não estão prontos. Òrúnmìlà insiste e se refere a Èṣù: e quanto aquele que vi ali na encruzilhada? Aquele, responde Pai Òbàtálá, você não poderá levá-lo, você não conseguirá satisfazê-lo. Eu posso satisfazê-lo, respondeu Òrúnmìlà. Então, pai Òbàtálá disse que ele voltasse para Terra e quando passasse por Èṣù, colocasse as duas mãos em sua cabeça. Òrúnmìlà fez como orientado, passou por Èṣù e pousou as duas mãos sobre sua cabeça.

Òrúnmìlà chegou à casa e no mesmo dia deitou-se com Yébiùrú, sua mulher e ela ficou grávida. Exatos doze meses depois Yébiùrú pariu um filho homem. Òrúnmìlà deu-lhe o nome de Èlégbára, por saber que ele teria um enorme poder.

Logo ao nascer Èṣù diz a sua mãe; Mãe, mãe, eu quero comer preá. Yébiùrú disse: come meu filho, come. E Èṣù comeu, e não parou de comer até que não existiram mais preás na terra.

No segundo dia foi a mesma coisa. Èṣù diz a sua mãe; Mãe, mãe, eu quero comer peixe. Yébiùrú disse: come meu filho, come. E Èṣù comeu, e não parou de comer até que não existiram mais peixes na terra. Assim também aconteceu no terceiro dia quando ele pediu aves e no quarto dia quando quis comer carne. Èṣù comeu todas as aves e todos os animais que existiam.

No quinto dia Èṣù diz a sua mãe; Mãe, mãe, eu quero comer você. Yébiùrú disse: come meu filho, come. E Èṣù comeu sua mãe. Òrúnmìlà, vendo isso e temendo que acontecesse o mesmo com ele, foi procurar divinador que o aconselhou a fazer uma oferenda com um bode e uma espada. Òrúnmìlà fez a oferenda.

No sexto dia do seu nascimento, Èṣù diz a seu pai: pai pai eu quero comer você. Òrúnmìlà, então, respondeu como sua mulher Yébiùrú: come meu filho, come. Quando Èṣù se levantou e avançou contra ele, Òrúnmìlà sacou a espada e Èṣù, vendo a ação do pai, fugiu em

direção ao Ọrun. Ọrúnmìlà o alcançou no primeiro Ọrun e o cortou em duzentos pedaços,¹¹ espalhando-os para todos os lados. Cada um desses pedaços se transformava em yangí, uma pedra avermelhada. O que restou do corpo de Èṣù continuou correndo em direção ao segundo Ọrun. Ali mais uma vez Ọrúnmìlà o alcançou e o cortou em outros duzentos pedaços, espalhando-os por todo lado e também ali os pedaços se transformaram em yangí. Isso se repetiu pelas nove dimensões do Ọrun, até que na última dimensão, Èṣù se mostra inteiro...

A narrativa continua, mas, para o que pretendo demonstrar, esse trecho basta. O resumo apresenta uma das histórias que foram passadas de boca-para-boca, recitadas pelos antigos e contada para nós pelos mais velhos. Com ela os antigos nos ensinam que Èṣù é Um e infinitamente multiplicável, expandindo-se por todo espaço do Vazio, que permanece Vazio. Também nos ensinam que o universo se fundamenta em Èṣù, ao mesmo tempo em que é pleno de sua presença e assim como o òkòtò, evolui em espiral, abrindo-se em cada rotação pela adição constante do “Mais-Um”, tornando-se uma circunferência em expansão infinita. Por isso eles dizem que Èṣù é *atúká má ẹ ẹ* - aquele que (se) dispersa e ninguém consegue catar.

Se aceitarmos essa narrativa yorùbá como uma explicação sobre a origem do universo, então, na origem de todo o universo existe uma rocha fundamental que permanece rocha e fundamental, mesmo depois de se fragmentar, pois tanto no princípio, como no fim, Èṣù se mostra inteiro.

Há várias outras narrativas semelhantes a essa. Numa outra, conforme nos conta Santos, a rocha avermelhada (*Yangí*) “se esfarela em vários fragmentos, derramando-se como uma chuva de pedras sobre todo o mundo. Na Bahia, continua ela “ele é invocado da seguinte forma: *Èṣù Yangí Ọba Bàbá Èṣù.*” (Santos, 2014, p. 51).

A tradução da invocação que é feita na Bahia, ao pé da letra, parece fazer um movimento circular onde Èṣù Yangí é rei e pai do

¹¹ O número duzentos é figurativo significando que a quantidade era incontável, como os grãos de areia na praia ou as estrelas no céu.

próprio Èṣù. Santos interpreta essa saudação como sendo uma referência, nos termos dela, “aos vários tipos de Èṣù”. Ela faz uma interpretação na literalidade do ìtàn. Nessa reflexão, optei por buscar entender a sabedoria por trás das alegorias que os antigos faziam. Meu interesse é a essencialidade do ensino, apesar de que na prática, sigo os ritos de acordo com que aprendi com os mais velhos.

Então, numa interpretação mais essencial, entendo essa saudação como uma referência ao fato de que Èṣù constitui todas as coisas, mas não pode ser contado com elas, como já foi exposto e explicado acima, quando falei de Èṣù como princípio dinâmico. Ele é o Mais-Um que se apresenta inteiro depois de ter se fragmentado em “duzentos pedaços”. Em todas as dimensões existentes, Èṣù é duzentos Mais-Um. Èṣù é o Um que fundamenta toda a multiplicidade do ser-Um.

Essa leitura é reforçada pelo *oríkì* recitado pelo sacerdote Bádérinwá Èṣùbùnmi que em determinado trecho diz sobre Èṣù: “*Yangí kí yangí; gbòógbò kí gbòógbò ... Ìṣẹ̀lẹ̀*” (OGUNDIPE, 2012, p. 131), cuja tradução e interpretação passo a expor a seguir.

Yangí é aquela rocha avermelhada, que os antigos chamaram de Èṣù, condição necessária para a existência de tudo o que há e o que há de ser. Então, na primeira parte da saudação (*yangí kí yangí*) temos que Èṣù é a Rocha da Rocha. Ou seja, o Fundamento do fundamento de tudo que existe. Seguindo na mesma esteira de entendimento, a segunda parte reforça a primeira ao afirmar que Èṣù é a Raiz da Raiz (*gbòógbò kí gbòógbò*) de tudo o que há.

Dando um passo a frente nessas considerações, parece que a saudação de Èṣùbùnmi diz que Èṣù é mais do que aquela rocha avermelhada. Ele é a razão ou a causa da existência dela. Essa idéia é bastante plausível, muito por conta da última palavra da frase: “*Ìṣẹ̀lẹ̀*”.

Substantivo abstrato derivado do verbo *ṣẹ̀lẹ̀* (acontecer), a palavra *Ìṣẹ̀lẹ̀* tem como significado “evento; ocorrência; acontecimento”. Logo, nesse *oríkì*, Èṣù não é a rocha avermelhada que surge, mas, o Acontecimento em si.

Desta forma, é possível afirmar que os antigos apontam para a inauguração da dimensão espaço-tempo no Vazio, que continua Vazio. E quando recitam o *oríkì*, afirmando que Èṣù matou um pássaro ontem, com a pedra que atirou hoje, demonstram que na perspectiva da ação de Èṣù não há diferença entre passado, presente ou futuro.

Sendo Èṣù, o Acontecimento em si, o surgimento da rocha avermelhada (Yangí), esta que é condição necessária para que todas as coisas existam, que é a geradora do movimento e por conseguinte, do tempo no espaço, que é Vazio, sua relação com o tempo é de outra ordem. Ele é presença constante no espaço-tempo, inaugurado pelo seu Ser-Acontecimento, logo ele é sempre presente em qualquer lugar, a qualquer tempo, sob qualquer circunstância.

Se fosse possível contar o tempo antes desse Acontecimento em si, ou seja, antes de Èṣù, seria dito que o tempo se divide em: antes de Èṣù e depois de Èṣù. Isso de modo algum é possível, porque antes de Èṣù o que existia era somente o Vazio primordial, a eternidade im-pessoal.

Tenho ainda mais um epíteto para reforçar a caminhada que fiz até aqui. Em um relato colhido por Ogundipe (2012, p. 180), um sacerdote declara: “O Èṣù de nossos pais era conhecido por *àṭòlẹ̀dòlẹ̀*”. Este epíteto é traduzido pela autora por “Ancestral Fundador”. Etimologicamente o termo *àṭòlẹ̀dòlẹ̀* (*ati + òlẹ̀ + dẹ̀ + òlẹ̀*) faz referência a algo que é passado “de embrião em embrião”.

A partir da perspectiva que adotei para essa reflexão, entendo que com esse epíteto os antigos explicavam como e porque tudo tem (é constituído) por Èṣù. Ele é chamado Ancestral Fundador ou Fundamento Ancestral por ser anterior ao embrião da primeira coisa criada por *Ọ̀bàtálá*¹² e por constituí-la, sendo passado de geração em geração. É a partir do Acontecimento em si (*Ìṣẹ̀lẹ̀!!!*) que tudo veio a existir. Quando Èṣù Acontece no Vazio, a condição de possibilidade para

¹² *Ọ̀bàtálá* é nome dado a Ọ̀rìṣà na narrativa sobre a criação do mundo. Há outros nomes que fazem referência a essa divindade: *Ọ̀rìṣà nla*, *Ọ̀rìṣàla*, *Ọ̀sà*, *Ọ̀sàlá*. vide nota 7.

que tudo exista se estabelece de forma necessária, inclusive o tempo que passa.

Aqui, Não há Conclusão, Só Reflexão

No *oríkì*, objeto de nossa reflexão está dito que Èṣù matou um pássaro ontem, com a pedra que atirou hoje (*Èṣù pa eṣe láná pèlú sọ lí òkúta lóní*). Pela inversão da relação de causa e efeito (o efeito acontece antes da causa), nossa mente busca uma solução para a afirmação que mais nos parece um enigma. Ficamos imaginando como é possível agir dessa forma? O que os antigos queriam realmente nos ensinar?

O que eles queriam *realmente* nos ensinar, eu, de fato, não sei. Contudo, o que aprendi em minha caminhada com Èṣù é que, nesse *oríkì*, o mais importante não é a ação realizada no presente que afeta o pretérito. O que mais importa, de fato, é o agente.

O exposto até aqui me autoriza afirmar que Èṣù é essencialmente presente em tudo que existe. Logo, é presente em todos os momentos do *oríkì*. Trazendo essa afirmação para este momento em que escrevo, afirmo que ...

*Èṣù é presente
No momento em que lança pedra e na pedra que é lançada
No momento em que o pássaro foi morto e no pássaro que
morre.*

*Naquele momento em que o pássaro cai na terra
E na terra onde o pássaro caiu, Èṣù é presente .
E no momento em que a pessoa que faz a narração
e na narração que a pessoa faz
Èṣù é presente .*

*Èṣù é presente na pessoa que narra
Que também é presente
No momento em que narra
Porque ela mesma,
É uma narrativa (ó nihinyi).¹³
(Olúkó Bàbá Ònà)*

¹³ Para saber mais sobre “o ser narrativa” como presença constante ver artigo escrito por mim: *Notas preliminares sobre vida boa a partir da cosmo-percepção yorùbá*, em Capoeira – Revista de Humanidades e Letras | Vol.7 | Nº. 2 | Ano 2021 | p. 138 disponível <http://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs-2.4.5/index.php/capoeira/article/view/375>

Dito o mesmo de outra forma, no que se refere à ação no espaço-tempo, temos que:

- Êṣù é presente no momento do lançamento da pedra, pois sendo ele o agente da ação realizada, estar presente à própria ação é, por assim dizer, condição necessária;

- No momento chamado “hoje”, que se segue à ação de lançar a pedra, Êṣù é presente necessariamente;

- No outro momento chamado “ontem”, em que o pássaro foi atingido e morreu, Êṣù é presente necessariamente, pois, antes da pedra ser lançada, Êṣù precisa eleger o pássaro-alvo que será abatido com a pedra que ele lançará. Um pássaro que voa no “ontem”.

- Por conseguinte, Êṣù é presente quando o pássaro-alvo que voava no “ontem” cai morto na terra, pois, se Êṣù tem como alvo o pássaro que voava no “ontem”, lança a pedra no “hoje”, com a intenção de atingi-lo e o acerta, estar presente no momento seguinte à morte do pássaro e testemunhar a sua queda ao chão, é algo que também pode ser afirmado.

Assim, posso resumir o que foi dito da seguinte forma. Êṣù é presente: no “ontem”, quando escolhe o pássaro-alvo que voa; no “hoje” em que lança a pedra; quando o pássaro-alvo que voa no “ontem” é atingido. Por fim, quando o pássaro-alvo, que voava no “ontem”, cai na terra, abatido pela pedra lançada por Êṣù no “hoje”, Êṣù é presente.¹⁴

No que se refere as condições da matéria:

Para que a pedra, o pássaro, o chão e o narrador existam, assim como, para que qualquer ação no espaço-tempo seja realizada, Êṣù é

¹⁴ Os advérbios de tempo hoje, ontem e os verbos conjugados no passado e/ou no futuro fazem referência ao modo como entendemos o tempo que passa e não propriamente a ação ou a perspectiva de Êṣù.

condição necessária. Como já foi dito nessa reflexão, ele é o princípio dinâmico de todas as coisas existente e das coisas que ainda não de existir. Desta forma ele é presente na pedra que é lançada, no pássaro-alvo que é abatido, na terra sobre a qual ele cai, na narrativa que é enunciada e no narrador do fato.

Constituindo todas as coisas e sendo presença constante em todos os tempos (não confundir com onipresença), não há passado, nem futuro para Èṣù. Desse modo, sua ação é sempre e necessariamente realizada no presente, considerando, é claro, a sua perspectiva.

Pensar Èṣù dessa forma é entender que o *oríkì* afirma que Èṣù mata hoje, um pássaro (que voava) ontem, com a pedra que lança. A afirmação não muda se for dito que Èṣù mata o pássaro hoje com uma pedra que lança amanhã (*Èṣù pa ẹyẹ lóní sọ li òkúta lẹla*).

O que pretendo chamar a atenção aqui é que a questão não é sobre ação de Èṣù, mas, sobre enunciação de sua potência. Está claro que a ação enunciada de Èṣù, nas duas afirmações, é a mesma e se dá do mesmo modo, ou seja, Èṣù age sempre no presente. A perspectiva de quem faz a enunciação, por estar imerso na dimensão espaço-tempo, é que muda.

Essa tese é reforçada se for levado em consideração que, para uma pessoa testemunhar esse fato, ela teria que ter a mesma perspectiva de Èṣù. Melhor dizendo, se fosse possível imaginar uma pessoa como testemunha dessa ação, seria necessário colocá-la como observadora na cena, fora da dimensão espaço-tempo, ou seja, na mesma condição de Èṣù. Ademais, tudo o que foi pensado até aqui, toda essa trajetória foi feita sem a consideração de que se houve, de fato, ou não, a ação de Èṣù matar o pássaro.

Bem, seja como for, deixo claro que, apesar de não duvidar que Èṣù tenha a capacidade e a possibilidade de agir no presente e afetar o pretérito, é preciso considerar e incluir nessa reflexão que enunciar uma capacidade e uma possibilidade de Èṣù, no caso em tela, agir no presente e afetar o passado, não é, de modo algum, o mesmo que afirmar que ele

o fez literalmente.

Assim, a julgar por tudo o que foi dito e por tudo o que não foi dito até aqui sobre Èṣù, sendo ele, o princípio do caos que gera o movimento, a desordem que estabelece os encontros, de onde surge a vida. Sendo Èṣù conhecido como aquele que tem o poder ou que é o todo poderoso (*Èlẹgbára*), a interpretação que faço da enunciação: *Èṣù pa ẹyẹ láná pẹlú sọ li òkúta lóní* é que Èṣù tem a capacidade e a possibilidade para matar um pássaro ontem, com a pedra que lança hoje. Ou seja, Èṣù tem as condições necessárias, devido a sua essência, de agir no presente e afetar o passado. Também é capaz de enunciar um fato no ontem e o fato acontecer no hoje, pois, segundo a sabedoria dos antigos, transmitidas pelos mais velhos...

O sòrò l'ánàá, o sẹẹ lóníí

Ele (Èṣù) fala ontem e [a coisa predita] acontece hoje.

Referências Bibliográficas

- BASCOM, William R. *Sixteen cowries: yorùbá divination from Africa to the New World*. Londres: Indiana University Press, 1980.
- BENISTE, J. Dicionário Português-Yorùbá. Rio de Janeiro: Bertrant Brasil, 2021.
- CROWTHER, S., *A vocabulary of the yoruba language*. Seeleys, London: Fleet Street and Hanover Street, Hanover Square, 1852.
- SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. *Èṣù*, 6ª ed. Salvador: Corrupio, 2014.
- MATORY, J.L. Yorubá: as rotas e as raízes da nação transatlântica, 1830-1950, Horizonte antropológico. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/gXdf3gXQczbgGVRzWPMjq7f/?lang=pt&format=pdf>, acessado em 03/03/2022.
- MARINS, L. Òrìsà dídá ayé: òbátálá e a criação do mundo iorubá. África, [S. l.], n. 31-32, 2012, p. 105-134.
- OGUNDIPE, A. *Èṣù elegbara; chance, uncertainly in yorùbá mythology*. Ilorin: Kwara State University Press, 2012.
- VELOSO, C.H.O. Notas preliminares sobre vida boa a partir da cosmo-percepção yorùbá, em capoeira. Revista de Humanidades e Letras, v. 7, n. 2, 2021. Disponível em: <http://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs-2.4.5/index.php/capoeira/article/view/375>.
- LAO TSE. Tao te ching: o livro do caminho e da virtude. Trad. de Mestre Wu Jyn Cherng. Disponível em <http://www.taoismo.org.br>, acessado em 03/03/2022.